

## História e Teoria Queer: possibilidades nas margens

---

Cassiano Celestino de Jesus<sup>I</sup>

**Resumo:** Como pensar/escrever uma História queer? Como a História pode beber da fonte da teoria queer para repensar a si mesma? O que este saber subalterno, subversivo e contra-hegemônico está dizendo para nós historiadores? Este artigo é um, dentre vários outros, que realiza um breve debate acerca da escrita da História, produto da arte ou da ciência dos historiadores, e seu diálogo com a chamada teoria queer. O objetivo deste trabalho é trazer uma discussão sobre o modo como interpretamos o passado ou presente, evidenciando as potencialidades de se “queerizar” a História. Apontando a teoria queer como um novo caminho e uma nova possibilidade para a pesquisa histórica.

**Palavras-Chave:** História. Historiografia. Teoria Queer.

### History and Queer Theory: possibilities on the margins

**Abstract:** How to think / write a queer story? How can history draw from the source of queer theory to rethink itself? What is this subordinate, subversive and counter-hegemonic knowledge saying to us historians? This article is one, among many others, that makes a brief debate about the writing of History, a product of the art or science of historians, and its dialogue with the so-called queer theory. The objective of this work is to bring up a discussion about how we interpret the past or present, highlighting the potential of “queerizing” history. Pointing out queer theory as a new path and a new possibility for historical research.

**Keywords:** History. Historiography. Queer Theory.

Artigo recebido em 17/01/2020 e aceito em 06/03/2020

# HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

## INTRODUÇÃO

Permita-me começar esse texto citando o livro “À Margem da História” do escritor brasileiro Euclides da Cunha. Entre pesquisa e denúncia, o autor trouxe para o primeiro plano de sua obra o homem do interior do Brasil. A Amazônia é o assunto principal e uma excelente oportunidade de sair da bolha sulista para conhecer um Brasil ignorado pela maioria.

Neste livro, Euclides da Cunha fala a partir da periferia, das margens, de um lugar pouco conhecido, ou, melhor dizendo, de um território que é quase sempre estereotipado pelos veículos de comunicação social, que acabam criando crenças e as disseminam como verdade equivalente de uma única realidade social possível.

É justamente partindo das margens – de locais pouco habitáveis, conhecidos, fronteiriços – que quero falar. Esse texto trata-se daquilo que Michel Foucault chamou de “saberes sujeitados” e/ou “subalternos”. Ou seja,

De um conjunto heterogêneo de conhecimentos silenciados pelas circunstâncias históricas estabelecidas por densas relações de poder, que foram desqualificados, deslegitimados, em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguém<sup>I</sup>.

Este artigo é um, dentre vários outros, que realiza um breve debate acerca da escrita da História, produto da arte ou da ciência dos historiadores, e seu diálogo com a chamada teoria *queer*. O objetivo é trazer uma discussão sobre o modo como interpretamos o passado e/ou presente, evidenciando as potencialidades de se “*queerizar*” a História.

Dito isto, questiono: como pensar em uma História *queer*? Como a História, enquanto prática<sup>III</sup>; discurso<sup>IV</sup>; disciplina<sup>V</sup>; ou artefato literário<sup>VI</sup>, pode beber da fonte da teoria *queer* para repensar a si mesma? Busco, de modo muito tímido e inicial, tentar responder a tais perguntas que, segundo o historiador Fernando Benetti<sup>VII</sup>, permanecem pairando no ar.

O intuito é dar lugar a polêmicas e impasses que estão longe de serem inúteis ou improdutivas. Pelo contrário, ao escapar “dos ataques muito rápidos, críticas improcedentes, exclusões aflitas ou tomadas de posição definitivas” o historiador pode sofisticar seu saber e “encontrar caminhos e sentidos mais úteis e criativos diante dos impasses tão graves colocados em nossa atualidade”<sup>VIII</sup>.

Antes de dar continuidade à discussão aqui proposta, acredito que seja necessário esmiuçar os principais constructos teóricos, analíticos e metodológicos da teoria em questão para depois estabelecer diálogos com a História.

### Penetrando na “Teoria Cu”

É importante destacar que ao falar da teoria *queer* eu não pretendo traduzi-la, classificá-la ou enquadrá-la. Não existe uma definição absoluta, bem definida e imutável sobre esta vertente de estudos. O *queer* é plural. Ele transita e é heterogêneo. Assim, para início de conversa, podemos enxergar o *queer* como uma teoria que torce o nosso olhar, que propõe enxergar o mundo de uma maneira não normativa e que não aceita a divisão sexual dos sujeitos entre “normais” e “anormais”.

Em inglês, a palavra *queer* significa “bicha”, “viado”, “estranho”, “anormal”, é uma ofensa, um insulto. Não há na língua portuguesa uma palavra com teor depreciativo tão forte quanto “*queer*” para a língua inglesa<sup>IX</sup>. É impossível traduzir o *queer* para a língua portuguesa, visto a complexidade deste termo em inglês.

## HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

A socióloga Larissa Pelúcio<sup>X</sup>, ressalta que em português o termo “*queer*” não possui a mesma ressonância e significado quando é pronunciado em inglês e nos Estados Unidos, por exemplo. Neste idioma, como já falei anteriormente, o termo é ofensivo, proferido contra os sujeitos que se desviam das normas sexuais e de gênero. A autora adverte que o desconforto que o termo causa em países de língua inglesa se dissolve aqui na maciez das vogais que nós brasileiros insistimos em colocar por toda a parte.

Pelúcio<sup>XI</sup>, propõe que ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, utilizemos o termo “cu” e passemos a nos assumir como teóricas e teóricos cu. O objetivo, segundo ela, não é buscar uma tradução, mas uma interlocução. A ideia de “cu” não é para traduzir, mas para trazer um desconforto que o *queer* causou quando foi usado em ambientes acadêmicos, quando propôs uma outra forma de pensar as margens, lá nos idos dos anos 1980.

Desta forma, quando início este tópico falando em “*teoria cu*”, mais que uma tradução para o *queer*, talvez eu esteja querendo (re)inventar e/ou reelaborar uma tradição para nossos saberes de cucarachas, periféricos e marginais<sup>XII</sup>.

A historiadora Guacira Lopes Louro, talvez uma das pioneiras dos estudos *queer* no Brasil, apresenta esta vertente teórica como reativa à normalização, “venha ela de onde vier”<sup>XIII</sup>. Conforme a autora, a teoria *queer* questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável”<sup>XIV</sup>.

O impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo - não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. É possível pensar de forma insurgente pelas bordas do social, na região que foi propositalmente forcluída dele e, muitas vezes, relegada até mesmo ao reino do abjeto. Emerge assim um pensamento queer, não-normalizador, uma teoria social não-heterossexista e que, portanto, reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade<sup>XV</sup>.

As origens da teoria *queer* remontam ao fim da chamada Revolução Sexual, dos movimentos liberacionistas e gays e do curto período de *despatologização* da homossexualidade, retirada da lista de enfermidades da Sociedade Psiquiátrica Americana em 1973. Foi em meio ao refluxo conservador detonado pela epidemia da AIDS (1970-1980) que pesquisadores/as de diversos países desenvolveram análises inovadoras sobre a hegemonia política heterossexual<sup>XVI</sup>.

É possível afirmar que “*teoria queer*” é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem<sup>XVII</sup>.

A teoria queer só ganha forma em 1991, com o artigo “*Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*” de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “teoria *queer*” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelas/es que foram esquecidos, *patologizados* e *medicalizados* durante a história das sexualidades<sup>XVIII</sup>.

O Sociólogo Richard Milkolci afirma que é possível compreender teoria *queer* como um termo aberto, usado inicialmente nos Estados Unidos, pela já citada feminista italiana, Teresa De Lauretis, para apontar um olhar crítico e contra-normalizador que seria um denominador comum de uma vasta e diversa produção acadêmica que emergira em meio ao pânico sexual da AIDS, na segunda metade dos anos oitenta, e que já se consolidava na década seguinte. Além disso, bem antes de publicar o texto acima citado, foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação *Queer Theory* para contrastar o empreendimento *queer* com os estudos gays e lésbicos<sup>XIX</sup>.

# HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

A partir deste período este termo passa a descrever o trabalho de um grupo de intelectuais e sua perspectiva teórica. Assim sendo, a teoria *queer* passa a ser vinculada as vertentes do pensamento que problematiza e opera com a desconstrução das noções clássicas de sujeito, de identidade, e de identificação<sup>XX</sup>.

Para os/as teóricos/as *queer*, a oposição heterossexual/homossexual pode ser questionada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos. Tal proceder poderá romper com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação e a exclusão. Esta desconstrução permitirá compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes. Pois, a afirmação da identidade implica a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença<sup>XXI</sup>.

A teoria *queer* é parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas, que fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Os/as teóricos/as *queer* focam na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método *desconstrutivista*. Enfim, busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações. Interrogando como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas<sup>XXII</sup>.

Para Pelúcio<sup>XXIII</sup>, os saberes subalternos não consistem somente em dar voz àquelas/es que foram privados de voz, e sim, participar do esforço de “prover outra gramática, outras epistemologias, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como “verdadeiras”.

A teoria *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo”<sup>XXIV</sup>.

## ***Queerizando a História: alguns apontamentos para reflexões***

Durante muito tempo a História foi a história dos homens, vistos como os únicos representantes da humanidade. O ofício do historiador era (é) um ofício de homens brancos e heterossexuais que escreveram a História no masculino, abordando suas ações e seus poderes<sup>XXV</sup>.

O modo como escrevemos a História é totalmente influenciada pelos europeus, principalmente os franceses e alemães, que acabaram definindo padrões/normatizações de como manuseá-la, escrevê-la, relegando às margens os conhecimentos considerados subalternos. Acredito que nossa colonização (conquista) não foi somente política, cultural e territorial, mas, também, epistêmica.

É preciso *decolonizar*. Desapegar-se do eurocentrismo e do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. E, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos outros encobertos pela lógica da colonialidade, que são tornados menores, abjetos, desqualificados<sup>XXVI</sup>. Se o cânone é eurocêntrico, hétero e branco, o *queer* faz troça desse lugar e de sua universalidade pressuposta, assim como denuncia sua heteronormatividade. A teoria *queer* se abre e aposta em outros corpos, Histórias e teorias. Cabe constar que a história das mulheres e a história vista de baixo tem feito realizado há certo tempo várias desconstruções no campo da História e subvertido tais papéis homogeneizantes, não desconsiderado tais estudos.

Assim, o encontro entre o *queer* e a História mostra-se profícuo exatamente na medida em que subverte os nossos olhares para pensar/interpretar/conhecer o passado e o presente, nos permitindo “pensar para além dos limites do pensável”, para além dos padrões de como escrevê-la, para além das margens. Resgatando e reconhecendo outras formas de pensar e ser. “Mostrando como a História vem sendo escrita por lentes hétero” como bem afirmou Pedro Paulo Pereira<sup>XXVII</sup>.

Assim, o *queer* impõe à História a necessidade de rever seus pressupostos, de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica. E lhe apresenta uma proposta desafiadora: “o desenvolvimento de uma analítica da normalização que possa interrogar como as fronteiras da

## HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas”<sup>XXVIII</sup>. Esta crítica da normalização aposta na subversão dos discursos totalizantes, hegemônicos ou autoritários.

O diálogo com a teoria *queer* pode, principalmente, desmontar a matriz heterossexual<sup>XXIX</sup>, que marca o fazer historiográfico hegemônico e seus efeitos misóginos e homofóbicos. No que se refere ao campo historiográfico, pode “representar uma nova apropriação do gênero como categoria útil de análise histórica. Podemos historiar e desconstruir os dispositivos de produção dos corpos sexuais-normatizados-*heterossexualizados*-abjetos”<sup>XXX</sup>.

A teoria *queer* nos ajuda a sistematizar, a entender algumas coisas, a interpretar. Sistematizar uma “realidade” fora dos marcos *patologizantes* e *naturalizantes*. A interpretar experiências de violências e marginalizações do passado ao presente em mundos plurais e conflitantes, gerando, assim, múltiplas linhas de visões.

Mas, onde se encontram os mundos plurais e conflitantes no discurso histórico? Como podemos perceber as multiplicidades que foram apagadas pelo poder hegemônico da norma? E até que ponto a História não contribui para a instituição da hegemonia heterossexual? Fiquemos com essas perguntas que servem mais para provocar do que pedir respostas.

O encontro entre a História e a teoria *queer* é, portanto, um projeto, uma busca, uma vontade de saber. A História é “um processo em movimento constante, dentro do qual o historiador se move” e a sua escrita nunca estará encerrada<sup>XXXI</sup>. A proposta aqui é oferecer um exercício reflexivo acerca dos novos desafios lançados para a prática historiográfica presente, pôr em movimento uma nova maneira de fazer História, “um convite a ousar pensar a diversidade, a hierarquia e a problematizar nossa própria pós-modernidade”<sup>XXXII</sup>.

Vivemos um presente historiográfico de contínua expansão e é necessário que enxerguemos a historiografia como um campo que está sempre em movimento. Reitero o que falei anteriormente: deve-se estar atento aos mundos plurais e conflitantes que ecoam de modo ainda opaco nos rastros e vestígios do passado. Desconstruir naturalizações e generalidades, que acabam fazendo das relações humanas uma eterna repetição do mesmo. “Mesma divisão binária baseada no biológico, mesma concentração de poderes e de hierarquias entre os sexos e mesma compulsão à heteronormatividade”<sup>XXXIII</sup>.

Tanto a História quanto o *queer* são estranhos. Os acontecimentos passados são exóticos, intrigantes e esquisitos para nós, homens e mulheres contemporâneas/os. A “realidade” passada não é transparente, muito pelo contrário, se apresenta de forma opaca, desconcertante, desconhecida e bagunçada, como um texto sem coesão e coerência. Como bem afirmou o historiador Edward Thompson<sup>XXXIV</sup>, “a História não conhece verbos regulares”.

O passado é misterioso e não familiar, mas isto não significa que as experiências passadas são incompreensíveis para a historiografia contemporânea, elas são comunicáveis a partir de símbolos e formas específicas de enredos<sup>XXXV</sup>.

Parece-me que no campo da História a teoria *queer* tem sido constantemente incompreendida, atormentada, desistoricizada, por não conseguir enquadrá-la e por não ser uma perspectiva estática, que distribui certezas. Conforme Elias Veras e Joana Pedro<sup>XXXVI</sup>, a invisibilidade dos estudos *queer* na historiografia pode ser explicada, em parte, pelos mesmos motivos que excluíram as mulheres e as homossexualidades da escrita da História, ou seja, pelas escolhas políticas implicadas no fazer historiográfico que, ao eleger outras temáticas, deixaram de lado outros temas, outros sujeitos e outras histórias.

Acrescento a esses fatores aquilo que Michel de Certeau<sup>XXXVII</sup> falou sobre a escrita da História, isto é, que ela se constrói em função de uma instituição. E é através dos interesses de uma instituição que a História enquanto disciplina vai se organizar. O autor derruba o véu ilusório da pesquisa institucionalizada ao afirmar que estamos presos às preferências institucionais, ao lugar social do qual fazemos parte. Assim, os desejos institucionais vão atuar na metodologia empregada e na seleção das fontes para as pesquisas a serem elaboradas.

# HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

Ainda, segundo o mesmo historiador, a instituição atua permitindo e proibindo certos tipos de conhecimento, elegendo aquilo que deve (ou não) ser escrito. Em cada momento, a “instituição histórica” se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos que são considerados legítimos e aqueles que não os são<sup>XXXVIII</sup>.

## Conclusões dinâmicas

Como conclusão, cabe lembrar as palavras da filósofa Marcia Tiburi<sup>XXXIX</sup>, que ao comentar sobre a Teoria *Queer*, afirma que tal vertente de estudos pode ajudar a pensar o lugar de todos aqueles/as que não se encaixam no padrão do homem branco e europeu. Além dos/as transexuais, os/as judeus/ias, os/as negros/as, os/as árabes e até mesmo os/as pobres entram no campo de suas preocupações como corpos que são considerados, pelo “poder”, como desimportantes, vidas que deveriam ser corrigidas ou que não mereceriam serem vividas.

O movimento *queer* denuncia que são muitas as vidas que não importam. Vidas que muitos consideram que não merecem ser vividas. Seres que são tidos abjetos, a quem até mesmo se nega o estatuto de sujeito. Seres que deslizam, que vivem na ambiguidade ou que vivem a própria ambiguidade<sup>XL</sup>.

A Teoria *Queer* permite pensar a multiplicidade das identidades sexuais, sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder. Esta teoria provoca e perturba as formas clássicas de pensar e conhecer. Antes de querer ter a resposta ou a solução que encerra conflitos, ela quer discutir a lógica que construiu esse regime. Tal teoria é desconcertante e provocativa e, ao mesmo tempo, estranha e fascinante. Mas, sobretudo, ela faz pensar<sup>XLI</sup>.

Como afirmou Tomaz Tadeu da Silva<sup>XLII</sup> “pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa”. É um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

O objetivo aqui foi de propor uma nova trincheira, que pode ser desenvolvida e aprofundada por diversas/os pesquisadoras/os. Ele está aberto e passível à desconstrução. O que fiz foi apontar um novo caminho para se pensar/escrever/interpretar a História. Por que não apostar no *queer* para tal empreitada? “Abrir-se a novidade, de todo modo, não é sempre uma excelente postura”? Combinar teóricos/as (ou não) pode perfeitamente abrir espaço para novas “visões de mundo”<sup>XLIII</sup>.

O mais importante é termos sempre em mente que História é um processo de rupturas, permanências, construções e desconstruções. Logo, são múltiplos os seus olhares, o que significa que, jamais, teremos uma perspectiva única, melhor ou pior que outras. E como afirma o historiador francês Marc Bloch (2001)<sup>XLIV</sup>, a História é busca, portanto, escolha. Ela deve ser ampla, profunda, longa, aberta e comparativa. Que possamos escrever uma História “veada”, “*queer*”, desconstruída. Aqui mesmo, nos trópicos, ao sul do equador, em terras tupinambás.

## Notas

<sup>I</sup> Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (PPGH/UFBA). O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>II</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>III</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 65-119.

# HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

- 
- <sup>IV</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 15-37.
- <sup>V</sup> BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- <sup>VI</sup> WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001, p. 97-116.
- <sup>VII</sup> BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: [www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf](http://www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf).
- <sup>VIII</sup> RAGO, Margareth. A História repensada com ousadia. In: JENKIS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 9-13.
- <sup>IX</sup> PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v.1, n.1, p. 68-91, mai/out. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.
- <sup>X</sup> Idem.
- <sup>XI</sup> Idem.
- <sup>XII</sup> Idem.
- <sup>XIII</sup> LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, V. 9, n. 2, 2001.
- <sup>XIV</sup> LOURO, Guacira Lopez. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer. **Labrys**, ago/dez, n. 6, 2004.
- <sup>XV</sup> MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**, v. 1. n. 2, p. 08-25, 2014.
- <sup>XVI</sup> Idem.
- <sup>XVII</sup> Idem.
- <sup>XVIII</sup> BENNETTI, op. cit.
- <sup>XIX</sup> MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 2, p. 150-182, 2009.
- <sup>XX</sup> LOURO, Op. cit.
- <sup>XXI</sup> LOURO, Guacira. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 40.
- <sup>XXII</sup> MISKOLCI, 2009.
- <sup>XXIII</sup> PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.
- <sup>XXIV</sup> MISKOLCI, 2014.
- <sup>XXV</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- <sup>XXVI</sup> PEREIRA, Pedro Paulo. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015.
- <sup>XXVII</sup> Idem, p. 428.
- <sup>XXVIII</sup> Idem.
- <sup>XXIX</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- <sup>XXX</sup> VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set/dez. 2014.
- <sup>XXXI</sup> CARR, Edward. **O que é história?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga, 3 ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 167.
- <sup>XXXII</sup> RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo (org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.
- <sup>XXXIII</sup> SWAIN, Op. cit., 78.
- <sup>XXXIV</sup> THOMPSON, Edward. Intervalo: a lógica histórica. In: **A miséria da teoria**. Ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62.
- <sup>XXXV</sup> WHITE, 2001.
- <sup>XXXVI</sup> VERAS; PEDRO, 2014.
- <sup>XXXVII</sup> CERTEAU, op. cit.
- <sup>XXXVIII</sup> Idem, p. 78.
- <sup>XXXIX</sup> TIBURI, Márcia. Dossiê Judith Butler - Feminismo como Provocação. **Revista Cult**, São Paulo, p. 20 - 23, 01 nov. 2013.
- <sup>XL</sup> LOURO, 2015.

# HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

---

<sup>XLI</sup> Idem.

<sup>XLII</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 107.

<sup>XLIII</sup> BARROS, 2014, p. 229.

<sup>XLIV</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

## Referências

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: [www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf](http://www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARR, Edward. **O que é história?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga, 3 ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 65-119.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 15-37.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, V. 9, n. 2, 2001.

\_\_\_\_\_. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer. **Labrys, estudos feministas**, agosto/ dezembro, número 6. 2004.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LUGARINHO, Mario. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, vol. 1, n. 2, p. 33-40, 2001.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**, v. 1. n. 2, p. 08-25, 2014.

## HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

---

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 2, p. 150-182, 2009

\_\_\_\_\_. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 01-25, maio/out. 2014.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. É o queer tem para hoje? – Entrevista com Berenice Bento. **Áskesis**, v. 14, n. 1, p. 143-1, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.

\_\_\_\_\_. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v.1, n.1, p. 68-91, mai/out. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan Fernandes**, v. 2, p. 26-45, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Tradução de Guilherme de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PINTO, Aline Magalhães; VALINHAS, Manuella Luz de Oliveira. Historicidade, retórica e ficção: interlocuções com a historiografia de Dominick La Capra. **Revista Rhêtorikê**, n. 3, p. 1-18, 2010.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, outubro. 1995.

\_\_\_\_\_. A História repensada com ousadia. In: JENKIS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_; FUNARI, Pedro Paulo (org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

**HISTÓRIA E TEORIA QUEER: POSSIBILIDADES NAS MARGENS**  
CASSIANO CELESTINO DE JESUS

---

SWAIN, Tânia. Que História é esta? *Revista Caminhos da História*, v. 14, n. 2, p. 77-93, 2009.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Afrontamento, 1995, p. 31-94.

THOMPSON, Edward. Intervalo: a lógica histórica. In: *A miséria da teoria*. Ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62.

TIBURI, Márcia. Dossiê Judith Butler - Feminismo como Provocação. *Revista Cult*, São Paulo, p. 20 - 23, 01 nov. 2013.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set/dez. 2014.

VEYNE, Paul. *Com se escreve a história*. Brasília: UNB, 1978.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001, p. 97-116.